

CBD0247 - Introdução à Museologia

Thaís Gaal Rupeika

7585962

Relato crítico número 1

Assim como Bourdieu propôs em seu questionário criado no intuito de entender as variações e igualdades nos públicos dos museus europeus algo mais ou menos como "Por que você veio ao museu?", me encontrei questionando a mim mesma "Por que eu escolhi essa disciplina (museologia)?" -- lembrando da condição imposta pelo questionador que "Porque gosto de arte" não pode configurar como uma das respostas. Encontro-me matriculada pela segunda vez nessa matéria, que eventualidades me forçaram a trancar em 2012 e que hoje insisto em cursar, acredito, pela curiosidade de entender melhor o que é um museu, esse espaço que me atrai constantemente, onde figura uma coleção pública de artes que atravessaram séculos até chegarem ali, ao lado de obras criadas especificamente para serem penduradas em suas paredes brancas.

Diante dos três textos e três filmes propostos, me encontro já numa posição crítica muito diferente do que esperava duas semanas atrás, quando regressava de uma viagem à Europa, onde pude experimentar diversos novos museus. As faces destes são muitas, e há diferentes possibilidades de estudo de suas influências, desde a obra de arte matéria-prima do museu, o espaço físico que ocupa, o público que o frequenta (e o que não frequenta), a curadoria universal da arte pertencente ao museu e a de cada exposição em cada época específica, o museu enquanto evento social e as transformações de todas essas relações arte/público decorrentes do advento das novas tecnologias (dos primeiros catálogos com reproduções em gravuras até o telefone celular com tecnologia 3G).

A começar pela arte que constitui o museu e o torna possível, é interessante a retomada da história da arte feita por Malraux sob a perspectiva da influência que reverbera até o século XXI de movimentos artísticos que seguiram e modificaram a memória dos movimentos criados antes, se estendendo até a Antiguidade Clássica, desprezando ou resgatando obras, estéticas e artistas conforme seus interesses. Como algumas artes (e não só obras, mas gêneros específicos) foram privilegiados e sobreviveram aos séculos tornando-se ícones culturais de grande influência em diversos campos, e o que exatamente ou porque vemos-las nos grandes museus do mundo. Ao mesmo tempo, quanto à arte apresentada no museu, temos ainda a problemática do eurocentrismo quando no campo da arte a europeia se coloca mais elevada que as árabes, pré-colombianas, orientais ou tribais, subjugando estas como

secundárias de menor importância e apelo. Vemos no século XX (especialmente a partir da segunda metade) um esforço em resgatar quais são os méritos e deméritos de uma ou outra classe artística que foi jogada à sombra dos chamados grandes mestres europeus e mesmo para nós, no Brasil atual, um país com uma grande confluência de povos e estilos, ainda é muito pouco disseminada essa arte "alternativa" ao padrão europeu e não se conhece nas escolas, museus e mídia, praticamente nenhuma obra-prima da arte não-europeia.

Partindo desse gancho, deve-se considerar também como parte integrante e de grande interesse e influência para o museu o seu público. Sendo o gosto pela arte nato ou não, o peso da educação jamais deve ser subestimado. Dentre as pesquisas realizadas por Bourdieu e Darbel e apresentadas em "O amor pela arte", um dado relevante é a conexão da escolarização e a frequência das visitas à museus. Se na juventude a quantidade de idas ao museu é maior, por influência escolar, conforme se avança nas faixas etárias aqueles que seguem visitando o espaço coincidem com um nível mais alto de educação. Quer dizer que o adulto menos escolarizado perde o interesse ou deixa de se sentir à vontade dentro desse espaço - e perante este fato, acredito que cada museu deve se posicionar ideologicamente quanto a agir para atrair esse público ou assumir que não há interesse na conquista desse visitante e sim na fidelização da sua fatia específica da população.

Desses dados sobre o perfil do público visitante podem decorrer também alguns traços do que podemos identificar como o fator social da ida ao museu. Se praticamente desde seus primórdios o museu já ostentava grandiosas inaugurações, galas e coquetéis, reservados à elite cultural de cada época, ao ler os textos não pude deixar de recordar de artigos recentes sobre algumas exposições realizadas na cidade de São Paulo nos últimos meses, especialmente a Obsessão Infinita, de Yayoi Kusama, que gerou filas nunca antes vistas em frente ao Instituto Tomie Ohtake. Essa exposição conquistou (muito por fatores que escapam um pouco a ela, como o compartilhamento em massa das fotos feitas ali, e a escassez de programas de final de semana paulistano, entre outros) muito mais visitantes do que pretendia num primeiro momento, e teve que lidar com um público muito diversificado, diferente do que o Instituto está acostumado a lidar - e isso mostra como por vezes os papéis são invertidos e o museu (instituição) está ainda e para sempre se desenvolvendo e adaptando às diferentes exigências de cada século.

O museu atual, para além dos questionamentos artísticos impostos por diversas correntes do século XX, quando o próprio conceito de arte (e do papel do museu) estava em cheque com o desenvolvimento de ideologias em cima da revolução *ready-made* de Duchamp e do *pop art* de Warhol, responde ao desenvolvimento da tecnologia e das expressões populares que se incorporam ao mundo da arte, como a expansão do grafite, que transforma os centros urbanos em museus a céu aberto e onde a efemeridade dessa arte nos impede de torná-la uma *commodity*, apesar dos

esforços do capital em comercializar e colecionar todo e qualquer tipo de expressão artística a que possa ser agregado um valor. Tudo isso ocorre com mais vigor com relação à arte contemporânea, mas o museu tradicional também se vê forçado a reinventar-se com o passar dos anos, e especialmente o grande museu hoje têm o desafio de lidar com a ascendência cada vez mais acentuada do turismo cultural, que por vezes sobrecarrega as salas das obras-primas e não traz o visitante a mais do que a breve passagem, sem tempo para contemplação, apenas pelo prazer de poder dizer que esteve ali - traço marcante da contemporaneidade que é o compartilhamento do momento vivido, o exibicionismo como forma de autoafirmação e a ansiedade resultando em superficialidade, que de uma forma ou de outra, atingiu aos museus tratando obras de arte como ícones da cultura pop, quase elevando a Mona Lisa ao status de celebridade. O resgate da arte contemplativa é um desafio que tem o museu hoje e este é, dentre outros, um dos tópicos que espero tratar com aprofundamento ao longo do semestre.

(Quanto aos filmes passados até agora, devo dizer que alguns não se encontram completamente digeridos, e vou precisar reassisti-los em breve. *Fausto* realmente gera muito o que pensar, entre as questões da busca da alma e da vida *versus* morte, imortalidade e amor, todas agindo ao mesmo tempo sobre Fausto (sobre todos nós, de fato), foi o filme mais complicado para mim, com o qual menos soube reagir às questões levantadas. *Arca Russa* é um filme brilhantemente executado, sob uma estética que quase subverte o próprio papel do cinema enquanto sétima arte, desprovida de múltiplos planos e cenários, já que toda a ação se desenvolve dentro de um mesmo espaço que é o Museu Hermitage num só take, e além de mostrar o espaço em diferentes épocas, ilustrando a relação do museu com seu lugar, também traz algumas personagens curiosíssimas. *Underground* me pareceu excelente também, mas confesso que perdi o começo do filme e que não me sinto confortável para fazer uma análise detalhada antes de tê-lo revisto por completo, embora a cena final do banquete mereça desde já ser mencionada por todo seu apelo simbólico. *Arquitetura da Destruição*, a última adição à lista, é um dos meus documentários preferidos, considero fascinante a relação de Hitler com as artes visuais, o tratamento que dava aos museus e, principalmente, a atenção dedicada a compor a estética do seu movimento político desprezível. É um traçado importante do papel que a arte desempenhou na vida de um dos maiores agentes históricos do século passado, que teve um enorme impacto no mundo em que vivemos hoje.)